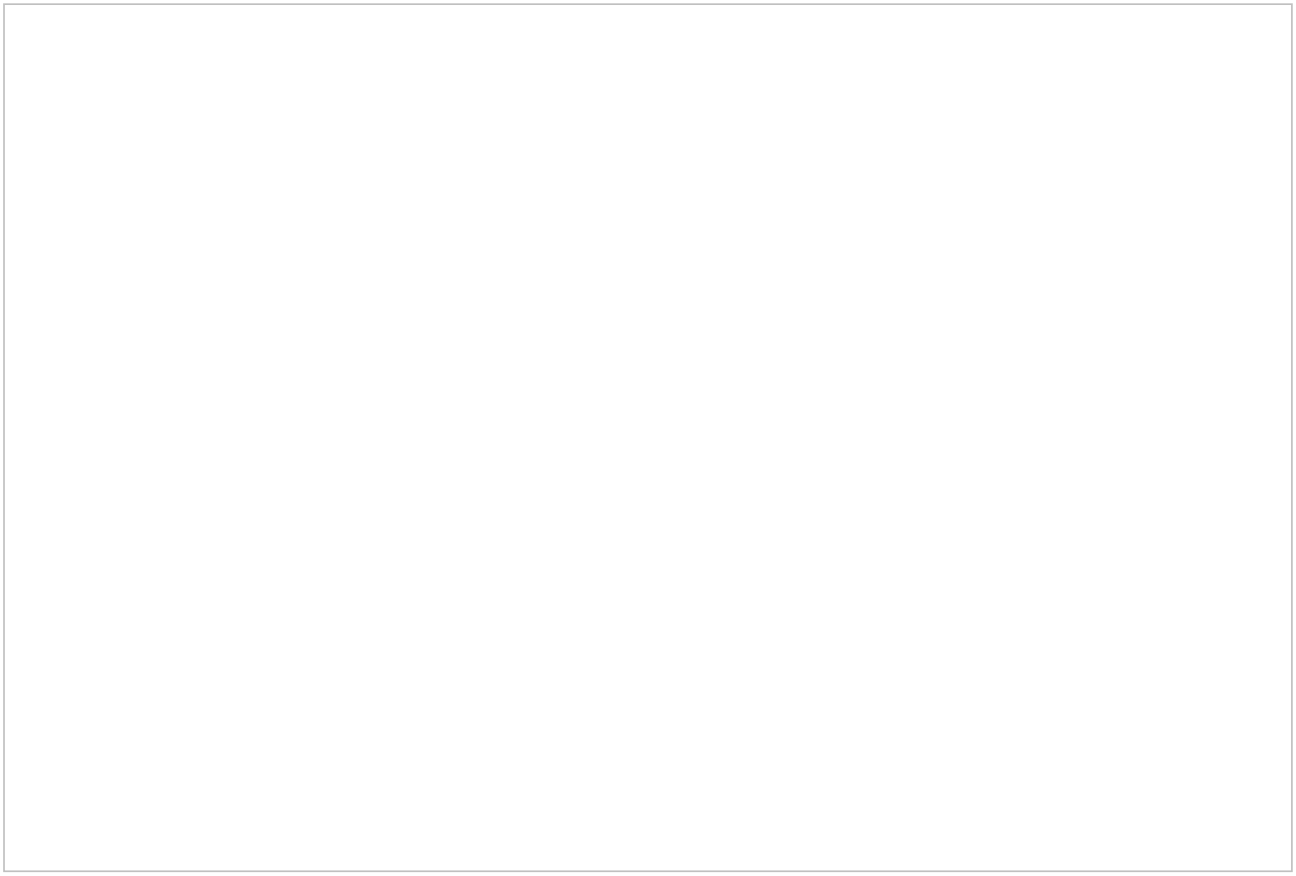
Prosa na Janela: Leia “De Alma Para Alma”, por Roberto dos Santos

Por **Roberto dos Santos**
Publicado em 08/04/2020, 10:28 - Atualizado em 08/04/2020, 10:29



Roberto Santos, 49 anos, nascido em Dores de Guanhães, chegou ao Distrito Ouro-pretano de Antonio Pereira em 1979. É porteiro na Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e tem uma sensibilidade peculiar na apresentação de seus textos. É casado com Márcia, que é a aguerrida diretora da Escola Municipal Alfredo Baeta e têm o filho Antônio, de 15 anos.

Aquela conversa despretensiosa poderia ter sido algo natural. Poderia ter sido um encontro de vidas, mas acabou sendo um entrelaçar de almas. Eu sem pensar num algo mais, apenas me entreguei ao prazer de estar ali. Mas dentro de mim acontecia uma revolução. Uma sensação inexplicável começou a tomar conta. Meu corpo arrepiava, um calor passeava em mim, o meu olhar desejava encontrar o dela. A voz de Linda me envolvia tanto que parecia esbofetear-me. Eu ficava querendo que ela não parasse de falar, tinha momentos que fechava os olhos e me perdia num emaranhado de sons que faziam bem aos meus ouvidos. Era ela falando.

O batom vermelho dava aos lábios delicados de Linda tons de amor. Sua simplicidade, seu jeito de menina, sua meiguice, seu rosto bonito, seus olhos de jaboticaba, seu queixo delicado, faziam com que eu me apaixonasse incontrolavelmente. Eu desejei que o tempo parasse, e aquele momento nunca tivesse fim.

Eu estava completamente apaixonado por aquela mulher. Eu nem perguntei o seu nome, então a chamei de Linda. Ela foi embora e sem saber levou consigo toda a minha alegria. Fiquei olhando enquanto se distanciava, seus passos a levavam para longe, mas furtivamente uma reviravolta me reacendeu.

Meu coração se avivou quando ao longe ela abriu uma porta e entrou. Logo imaginei que era ali que morava.

Fui embora cheio de saudade.

A noite ela esteve em meus sonhos, e nele me declarei. Sorriu pra mim, me perdi no seu sorriso, e depois me encontrei no seu abraço. Ao acordar chorei como uma criança que se perdeu de seus pais. Linda não estava lá. E imerso na saudade fui para o jardim de minha casa em prantos, e comecei a regar as flores na tentativa de esquecer aquela linda mulher. Mas esquecê-la era impossível. Uma lágrima escorregou pelo meu rosto repleto de saudade e caiu sobre a menor das rosas. Eu colhi aquela pequena flor e sai sem rumo pela rua. Algo dentro de mim me conduzia, então me deixei levar. Algum tempo depois eu estava parado na porta da casa dela, mas não a chamei. Coloquei a pequena rosa vermelha na janela, toquei a campainha e me afastei. Ao longe fiquei a observar.

Linda vestia um short azul, e uma blusa leve, quando veio atender a porta. Deu dois passos fora de casa para observar os arredores, e não vendo ninguém, virou-se refazendo os passos no sentido contrário, porém já com a mão na porta percebeu a pequena flor na janela. Pegou-a carinhosamente e suavemente a tocou com os lábios. Ela sentiu algo forte e inexplicável, talvez fosse aquela lágrima repleta de amor que pela manhã banhara aquelas minúsculas pétalas.

Toda semana eu deixava uma flor para ela, e esperava que viesse busca-la. Aparecia esgueira e bela, apossava-se da flor como o mais belo suvenir.

Certo dia quando eu deixava a rosa na sua janela, ela surpreendeu-me.

— Eu sabia que era você!

Disse Linda me deixando sem palavras.

Disse a ela o meu nome e perguntei o dela, já que no primeiro encontro, esquecemos esse detalhe importante. Mesmo sabendo o seu nome continuei a chama-la de Linda.

Desse encontro nasceu uma longa conversa:

Linda confessou que adorava os meus mimos, que todos os dias olhava se tinha alguma flor na janela, que nesse tempo pensou muito em todos esses acontecimentos, falou também que guardou a primeira flor, pois essa ela tinha como a mais especial.

Mas após dizer palavras animadoras bem a minha frente, aquela linda mulher despejou sobre mim, um balde de água fria. Falou que não poderia viver comigo um amor da forma que normalmente se vive.

Eu fiquei petrificado sem saber o que fazer, mas ousei perguntar o motivo. Linda me deu um lindo sorriso e recusando dizer alguma coisa, mergulhou num profundo silêncio. Esse mutismo foi a forma que encontrou para dizer que bastava o que já havia sido dito. Após essa quietude Linda me sugeriu uma forma de amor diferente, que amássemos de alma para alma. Que nos encontrássemos todos os dias e nos abraçássemos, nos sentíssemos, mesmo distantes um do outro.

Pedi que me ensinasse como fazer. Ela combinou que todos os dias as vinte e três horas fechássemos os olhos e deixássemos que nossas almas se encontrassem. E assim fizemos por muitos dias e eu sentia o gosto do seu beijo, seu abraço envolvente, seu cheiro e o calor do seu corpo.

Até sua voz meiga e suave, eu conseguia ouvir quando de olhos fechados nos amávamos.

De vez em quando eu levava uma flor para ela. Eu era feliz, e com receio de perder essa felicidade, nunca quis saber o porque de termos que optar por essa forma de amar, e esse amor que nasceu de uma conversa despretensiosa se eternizou no mais íntimo de nós dois.

Era só fechar os olhos ao mesmo tempo, para que nossas almas se tocassem, e ao toque delas, vivíamos o amor no mais alto grau, de alma para alma.